

## RECENSÃO CRÍTICA



CARVALHO, Mário de (2014) *Quem disser o contrário é porque tem razão*. Porto: Porto Editora

LUÍSA SOLLA

[luisa.solla@ese.ips.pt](mailto:luisa.solla@ese.ips.pt)

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal

**1.**

A informação constante da badana do livro mostra a extensão e variedade da obra de Mário de Carvalho: contos, romances e teatro. Revisitando épocas e criando ambientes diversos, a sua versatilidade como autor tanto nos oferece uma narrativa de fundo histórico como um romance de atualidade.

Recebeu vários prémios entre os quais o *Prémio PEN Clube Português Ficção*, o *Prémio Fernando Namora*, o *Prémio Vergílio Ferreira* (pelo conjunto da obra) e o *Grande Prémio de Conto Camilo Castelo Branco* que lhe foi atribuído duas vezes: em 1991 e em 2013.

**2.**

*Quem disser o contrário é porque tem razão* é uma espécie de manual de instruções para uso de candidatos a escritores. Tal como o autor escreve na Nota Prévia, este livro não é “um trabalho académico”, tratando-se de “um guia prático, a modos de expositor ou manual de escrita, e não de uma obra de indagação ou divulgação científica.” (p.11). Mas a importância da obra é bem mais vasta podendo ser um livro de referência para quem se interessa pela

escrita de ficção ou gosta de saber como “escrevem” os escritores. Naturalmente que interessa também a professores em geral e a alunos do ensino superior, sobretudo àqueles que futuramente assumirão responsabilidades de escrita ou de ensino da escrita. Devo dizer que foi esta a motivação que me levou a escrever e publicar este texto na revista *Medi@ções*.

**3.**

O texto está estruturado como uma espécie de diálogo bem humorado entre o autor e um leitor imaginário (o autor usa várias designações: candidato a escritor, novel escritor, jovem autor, aspirante a leitor, escritor principiante, caro leitor, escritor-em-progresso...) sempre presente porque continuamente interpelado por Mário de Carvalho (MdC). Nessa interpelação o tom oscila entre o alerta, a sugestão, o conselho ou o incentivo à escrita, assumindo sempre a voz amigável de alguém experiente que pretende apoiar e incentivar o futuro escritor, num discurso cordial, bem humorado e irónico, visando, à distância, as oficinas de escrita criativa.

Voltando à Nota Prévia, diz-nos Mário de Carvalho “O autor não tenciona, nem de longe, nem de perto, atrever-se ao terreno da

teorização narratológica e visa muito aquém dos estudos literários. Pretende tão-só, num itinerário vagamundo, desvendar uns poucos caminhos, anotar-lhes as curvas e contracurvas, prevenir dos salteadores e trapaceiros, e indicar algumas razoáveis estalagens.” (p. 11). Sendo MdC um escritor com obra extensa e apreciada tanto pelos seus leitores como pelos críticos, o que pensar quando lemos o que acabei de transcrever? Pois que o livro vai bem mais longe. São apresentados exemplos concretos, com recurso a obras e opiniões de muitos escritores que mostram um conhecimento extenso e profundo da matéria tratada e estimulam a leitura de quem quer saber mais e deseja conhecer por dentro os processos da escrita ficcional.

#### 4.

O livro está organizado em seis capítulos, cada um deles apresentado temáticas cuja relação com os títulos é, só por si, uma atividade de procura muito estimulante. Digo procura e não descoberta porque os títulos dos capítulos tal como a enunciação dos temas a tratar em cada capítulo são, ou parecem ser para quem é novato nestas matérias, algo codificados. Cito, a título de exemplo, “Um pé atrás e um grão de sal” logo no capítulo I Pontos de Ordem.

Os temas estão numerados de 1 a 59, ao longo dos seis capítulos. Vejamos então: I- Pontos de Ordem ( pp. 13-37); II- Pontos de Mira (pp. 39- 62); III- Pontos de Referência (pp. 63- 88); IV- Pontos de Vista (pp. 89-146); V- Pontos Radiantes (pp. 147- 189) ; VI- Pontos de Luz (pp. 190- 276).

#### 5.

Não sendo fácil fazer escolhas para o comentário, optou-se por um critério pessoal, em função daquilo que pareceu interessante e útil para um percurso de leitura frutuoso e prazeroso, de modo a revelar alguns dos pontos chave do seu conteúdo sobre os mistérios da escrita. Escolhi alguns tópicos que respondem à minha curiosidade de leitora.

##### **(i) A propósito da angústia da página em branco**

Diz o autor “Com certeza que o meu solidário leitor já ouviu falar da angústia, da ansiedade, síndrome ou medo da página em branco. Se não ouviu, melhor...A última coisa que eu desejaria seria inocular angústias em quem não as merece, nem precisa delas para nada. Comece por considerar que a hesitação perante a página em branco é

a coisa mais natural do mundo.” (p. 65). Aqui chegada, a voz do autor parece tão sensata, aquietando qualquer sensação de medo. Continua: “O leitor precisa de se assegurar de que a sua mesa não manqueja, (Estará a falar a sério?) “que a impressora se encontra carregada, que a persiana regula pela altura conveniente, que a configuração da página está pronta.” E por aí fora, citando Hemingway, Vergílio Ferreira, Eça...até chegar aos bloqueios criativos e concluir que “podem ser verdadeiramente incómodos. Mas não são eternos. Há que esperar que passem. Sem lhe fazer um excesso de concessões.” (p. 68). Ou seja, termina dando ao leitor (futuro escritor) a esperança que não é pelo medo da página em branco que não conseguirá ultrapassar os bloqueios criativos.

### **(ii) A propósito de como começar um livro**

Escreve Mário de Carvalho: “ Há quem considere o começo dum livro o hall de entrada duma casa, ou aquela apresentação numa entrevista em que se joga a tal primeira-impressão-que-não-se-repete. Um momento inaugurador. Seria uma boa ocasião para encantar o leitor, mantê-lo “preso” (...) ao desenrolar da história.” (p. 91). Em seguida MdC discorre entre *começo (incipit)* e *abertura* e

exemplifica com excertos de várias obras, revelando começos célebres, alguns deles nossos conhecidos desde os tempos do liceu: “Menina e moça me levaram de casa de minha mãe para muito longe.”, de Bernardim Ribeiro.

Este tema é muito interessante e apela a que corramos à estante e vejamos como começam alguns dos livros que gostámos de ler. Será que nos agarraram desde o “começo”? Talvez nem sempre, e MdC, sempre atento e à espreita, esclarece: “ ...podemos encontrar inícios banais em bons romances e excelentes *incipits* em narrativas que se vão esmorecendo ou tornando francamente más.” (p. 98).

### **(iii) A propósito do cânone e da leitura de outros escritores**

Procurando outras fontes para a “criação”, MdC convoca a questão do **cânone literário**. Apelando à reflexão, alerta ou aconselha o leitor sobre o uso que deles poderá fazer o candidato a escritor: “...poderá o jovem leitor... dizer-me que não aceita cânones, ou melhor, que pretende formar o seu próprio cânone. É uma excelente ideia. É sempre bom proceder a uma revisitação céptica àquilo que outros nos legaram. Na medida do possível e do que estiver ao alcance, bem entendido. Pode ser que eles estejam enganados. (...)

Quem me diz a mim que o verdadeiro cânone, o supra - sumo, é aquele, e não outro? ” Não nos iludamos! MdC não larga a presa e dá a volta ao argumento: “ Vale bem a pena este esforço de averiguação e confronto de textos. Verificará que, na maior parte das vezes, o cânone estabelecido fez as melhores escolhas.” (p. 24).

Nesta linha de argumentação chega a vez de convocar os **académicos e eruditos** e os outros **escritores**. A propósito dos primeiros - **académicos e eruditos** - MdC alerta: “Mesmo que o novel escritor não aspire a teórico especializado, ser-lhe-á porventura útil, pelo menos, folhear alguns *maîtres à penser*, como Umberto Eco ou George Steiner, e críticos como Harold Bloom ou James Wood. Ou, entre nós, Óscar Lopes, António José Saraiva, Vítor Aguiar e Silva, Maria Alzira Seixo, Arnaldo Saraiva, Carlos Reis. Ficaré com uma ideia da complexidade, do seu colorido e da riqueza plural e ramificada da sua abordagem.” (p. 25).

Sobre os segundos - os **escritores** - aconselha: “É bom que o candidato a escritor os tenha frequentado, começando por ser autor dos livros dos outros, como disse um dia o Professor Óscar Lopes.” Reforçando a importância de conhecer a obra dos outros, aconselha: “Leia muito, leia por gosto, leia por curiosidade, leia por desfastio,

leia por obrigação, leia por indignação, mas leia, leia, leia de tudo, sem preconceitos nem reservas.” (p.28) e conselho ainda mais judicioso: “Mas o **escritor principiante** saberá encontrar, depois de refletir sobre os textos dos outros, a sua própria maneira...” (p.146).

## 6.

### Para finalizar...

O autor discorre ainda com muito humor e tiro certo sobre diversos e estimulantes outros temas. Cito alguns deles: a escolha dos títulos para os livros (p. 79); a construção das personagens (p.162; p. 189); a questão do planeamento e da improvisação (pp 56-57; 61); da liberdade de escolha e espírito crítico (p. 32, p. 50; p. 72 p. 146; p. 164). E ainda...mas o meu texto tem mesmo de acabar. Refiro apenas dois autores a quem recorri para fechar a escrita deste texto sobre o livro de MdC.

Começo por citar Jacinto Rêgo de Almeida (*Jornal de Letras e Artes*, 18 a 31 de março de 2015) que na crónica **Romance e romances: a arte da leitura** escreveu: “O leitor é alguém que observa pela janela, confortavelmente, o panorama da batalha. Está diante de uma grande paisagem pintada...”; ou “ deixa-se influenciar

e procura constantemente o aprisionamento da personagem”. Não podia estar mais de acordo. A leitura de ficção convoca espíritos vários que têm sobre nós uma forte influência deixando-nos, durante algum tempo, “presos” à história, às personagens, a um ambiente...e o livro de MdC ajuda-nos neste percurso de observação e de pertença que um romance nos proporciona.

Finalmente, encontrei em José Eduardo Agualusa (entrevista ao *Expresso*, 21 de maio de 2016) um pensamento que alarga e aprofunda o que refere Rêgo de Almeida : “... acredito que um grande leitor de ficção ganha humanidade. Porque um leitor de ficção, como um escritor de ficção, está continuamente a ter de se colocar na pele do outro. (...) Eu gostaria de acreditar que a ficção tem o poder de melhorar as pessoas.”

Por tudo isto defendo que este livro de MdC sobre a escrita de ficção não interessa apenas a “aspirantes a escritores” mas também aos que aspiram a ser “competentes leitores” e assim, contagiada por MdC, afirmo: quem disser o contrário é porque tem razão!